

Thalita Cristina Souza Cruz
Fernanda Moraes D'Olivo
(Orgs.)

Linguagem, cognição e ensino

Conceitos e possibilidades

EDITORA DA **ABRALIN**

Thalita Cristina Souza Cruz
Fernanda Moraes D'Olivo
[Orgs.]

Linguagem, cognição e ensino

Conceitos e possibilidades

EDITORA DA **ABRALIN**

Campinas, SP
2021

Palavra dos editores

Esta publicação, digital e gratuita, compõe o catálogo de livros digitais da Editora da ABRALIN, uma editora *open access*, criada em 2020, que busca oferecer mecanismos efetivos de publicação e circulação de obras de Linguística no país. A ideia que norteia seu funcionamento encontra melhor expressão nas palavras de seu idealizador, Prof. Dr. Miguel Oliveira Jr., presidente da ABRALIN: “acreditamos que dar acesso livre à produção intelectual de excelência, que é fruto – na maioria das vezes – de investimento público, é o caminho mais democrático no contexto socioeconômico em que vivemos”. Sem dúvida, essas palavras foram definitivas para o nosso engajamento na criação da Editora da ABRALIN. Queremos contribuir para fazer da Editora da ABRALIN um canal permanente de apoio à divulgação da sólida pesquisa feita nas muitas áreas da Linguística no Brasil.

Como todos sabemos, a ABRALIN desempenha papel fundamental na consolidação dos estudos linguísticos no Brasil, contribuindo de maneira crucial para a criação e a preservação de espaços de acolhimento da diversidade de ideias linguísticas, algo que tem urgência ética e é – no nosso entendimento – atitude necessária para manter o indispensável diálogo entre a sociedade e a comunidade científica. A Editora da ABRALIN nasce dentro desse contexto e com esse desígnio maior.

A excelência do trabalho da Editora e das obras por ela publicadas será garantida – disso temos certeza – pela esperada contribuição dos associados da ABRALIN. Tal contribuição constantemente

vem em atendimento aos editais e aos critérios tornados públicos periodicamente, na forma de propostas de publicação, na colaboração junto ao Conselho Editorial e com as demais atividades envolvidas no funcionamento da Editora.

Nossa expectativa é que a Editora da ABRALIN possa fornecer obras de qualidade, acessíveis gratuitamente ao público-leitor interessado, fomentando, assim, a pesquisa em Linguística, contribuindo com o diálogo constante entre pesquisadores e sociedade.

Valdir do Nascimento Flores
Gabriel de Ávila Othero

EDITORES

Prefácio

ROSANA DO CARMO NOVAES PINTO

Este e-book, generosamente organizado e editado pelas queridas *Thalita Cristina Souza Cruz* e *Fernanda Moraes D’Oliveiro*, resulta de muitos e frutíferos encontros. Embora tenham trilhado diferentes caminhos pela Linguística – a primeira na área de Neurolinguística e a segunda na Análise do Discurso –, essas brilhantes ex-alunas do Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas, enfrentam juntas novos desafios para continuar produzindo conhecimento científico.

Vale registrar que este trabalho foi gerado em tempos muito difíceis. Além de todos os percalços cotidianos que já se tornaram crônicos em nosso país (falta de verbas, falta de reconhecimento, desvalorização da profissão, dentre outros), vimos enfrentando, mais recentemente, pesados ataques às instituições de pesquisa e de ensino, visando o descrédito da ciência. Tudo isso em meio a uma pandemia que alterou substancialmente a vida de todos.

Para além dos compromissos firmados com as instituições em que trabalham, aprendendo a lidar com o ensino remoto e buscando manter a qualidade da interação com seus alunos e equipes, Thalita e Fernanda ainda sentiram-se impelidas a promover novos encontros! Nada menos que 18 *colegas* – de diferentes estados e centros de pesquisa e ensino – produziram os *dez* capítulos que compõem o volume *Linguagem, Cognição e Ensino: conceitos e possibilidades*. Uma tarefa e tanto!

Penso que cabe a mim fazer, neste prefácio, uma rápida apresentação de cada capítulo da obra. Opto pela ordem em que aparecem no livro e deixo aos leitores a tarefa de descobrir seus inúmeros pontos de aproximação ou de distanciamento.

Antes disso, entretanto, penso que seja preciso destacar a presença, neste volume, de *Maria Irma Hadler Coudry* –, orientadora e amiga, que me inspirou (e inspira até hoje) pelos caminhos da Neurolinguística, área que fundou no IEL na década de 80. Oito capítulos do volume orientam-se pelos princípios teórico-metodológicos articulados pela autora. Cinco deles são de autoria de ex-orientandas da Profa. *Maza*. Alguns capítulos foram escritos por meus ex-orientandos e uma doutoranda, o que me enche de orgulho. Esse conjunto de textos com grande diversidade temática aponta para um primeiro fio condutor da obra. Penso não ser mera coincidência a escolha do texto de Coudry para abrir o presente volume.

É importante ressaltar que o livro também abre espaço para diferentes abordagens – para perspectivas mais interessadas em aspectos biológicos do funcionamento cerebral ou de síndromes neurológicas, bem como para questões relativas ao desenvolvimento infantil. Essa diversidade revela a postura científica das organizadoras para dialogar com diferentes pontos de vista.

O capítulo 1 intitula-se *O CCazinho como lugar de linguagem: fala, leitura e escrita*. Nele, Coudry reflete acerca das produções de escrita na atualidade, destacando o papel da narrativa (e do uso de recursos tecnológicos) no trabalho com crianças que “não correspondem às expectativas da escola com relação à representação da escrita convencional”. Muitas vezes, infelizmente, à procura de “causas” que expliquem o fracasso escolar, a saída é encontrada nos diagnósticos que proliferam nas escolas e nas clínicas. O trabalho no Centro de Convivência em Linguagens (CCazinho), que privilegia “a experiência de falar, ler e escrever”, tem mostrado que “as crian-

ças vão muito além do que se espera delas, não confirmando o diagnóstico de patologia/distúrbio/alteração que afetaria sua escrita e leitura e aprendem o que se ensina para elas, em um ritmo próprio, como cada um de nós”. Impõe-se como uma questão ética, no trabalho com essas crianças, a criação de “contradispositivos”, visando combater a patologização. Essa questão é enfatizada em vários outros capítulos do livro, por autoras que atuaram no CCazinho.

Em *Autismo e linguagem: uma abordagem dialógica* (Capítulo 2), os fonoaudiólogos Marcus Vinicius Borges Oliveira, Lucia Masini e Laine dos Santos Pimentel, discutem o funcionamento linguístico-cognitivo de crianças diagnosticadas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), orientados pela abordagem discursiva que destoa da maioria dos trabalhos na área. Ancorados na Neurolinguística Discursiva e nos conceitos postulados por Bakhtin, os autores privilegiam o espaço dialógico da interação com as crianças para construir sentidos. Concordando com Sacks (1995), acreditam que o autismo deva ser concebido com um “modo de ser, uma forma de identidade profundamente diferente”. As reflexões teóricas são recheadas de dados singulares de interação verbal e não-verbal entre as crianças e os terapeutas, iluminando os processos de significação e dando lugar à fala da criança, um sujeito de linguagem.

O Capítulo 3, de Michelli A. Silva, intitulado *Transpondo as barreiras do diagnóstico: o papel da linguagem na constituição do sujeito*, aprofunda as questões relativas à criação de contradispositivos para o enfrentamento da patologização que caracteriza o momento que vivemos. A autora enfatiza a necessidade de se compreender o processo de aquisição como “lugar da experiência com/na/pela linguagem, que pode se dar em qualquer momento da vida”. Destaca, ainda, a relevância do conceito de “atenção”, recorrendo especialmente a Luria para abordar o funcionamento linguístico-cognitivo. A autora discute essas questões tendo como pano de

fundo a pesquisa que realizou com crianças com a Síndrome do X-frágil (SXF). Sem negar a doença e seus aspectos biológicos, a autora problematiza o fato de que alguns prognósticos e práticas mantêm o sujeito “no lugar da não aprendizagem”. Segundo ela, “somos capturados pelos dispositivos aí instituídos de tal forma que ficamos presos a um círculo vicioso sem saída: a doença explica qualquer comportamento e dificuldade que o sujeito apresenta e essas dificuldades não são consideradas passíveis de mudança em função da doença”.

No Capítulo 4, *Marijé Soto, Marina Augusto e Renata Oliveira* discorrem sobre a *Síndrome de Williams e a interseção entre cognição linguística e visuoespacial*. Apresentam, inicialmente, a caracterização genética e comportamental da Síndrome de Williams (SW) e destacam as divergências teóricas entre os autores acerca da linguagem. Enquanto alguns defendem que há alterações relevantes nesse domínio, outros não apontam comprometimentos. As autoras ressaltam que as crianças com SW, em geral, são muito comunicativas e hipersocializadas, o que explicaria a sua facilidade para interagir, contar histórias e falar em público – características que ajudam a compor o diagnóstico da síndrome. Na busca de uma melhor compreensão acerca do funcionamento linguístico, as autoras apontam para as dificuldades com construções gramaticais mais complexas, uma vez que estas necessitam do funcionamento preservado de outros domínios cognitivos, como a memória e o domínio visuoespacial.

O Capítulo 5 resulta da parceria entre *Thalita Cristina Souza-Cruz e Diana M. Boccato* e tem como título *O Universo contado pelas crianças e a formação de conceitos em Vygotsky: apontamentos sobre as fases de desenvolvimento a partir da obra de Naranjo*. Na primeira parte, as autoras detalham os principais postulados de Vygotsky acerca do desenvolvimento dos conceitos, uma vez que cada fase – do concreto ao abstrato – será mobilizada para anali-

sar os enunciados produzidos por crianças de 3 a 13 anos de idade, mesmo período em que Vygotsky se debruçou para postular sua teoria acerca do desenvolvimento dos conceitos. As autoras também mobilizam questões desenvolvidas por Luria, com a ênfase no funcionamento semântico-lexical e no papel da experiência sim-prática e sinsemântica, visando compreender a passagem dos conceitos concretos (subjativos) para os mais generalizados e abstratos (sociais), respectivamente. Os dados não são meramente ilustrativos. Ao contrário, dão visibilidade ao trabalho linguístico-cognitivo das crianças para operar com as categorias linguísticas, ao longo do processo de desenvolvimento.

O ensino infantil na história da criança e sua repercussão na escolaridade é o título do Capítulo 6, escrito por Sonia Sellin Bordin, que se fundamenta principalmente em Vygotsky para refletir sobre o desenvolvimento infantil nos diferentes contextos sociais. A autora parte de questões como “a época histórica em que a criança nasce interfere nos processos de sua primeira infância?; o que a educação infantil representa na história de vida da criança?; essa soma de aprendizagens tem função nos processos de aquisição de leitura, escrita e matemática, por exemplo?”. Segundo a autora, é fundamental conceber o desenvolvimento infantil considerando a construção social e histórica “de um sujeito que interage com determinado mundo e se percebe no mundo, em meio aos cuidados do outro em um dado recorte linguístico”. Neste contexto, é inevitável não considerar a patologização da infância. Essas questões demandam uma reflexão sobre o papel da escola e sobre sua demanda por intervenções medicalizantes que, ao mesmo tempo, justifiquem o fracasso escolar das crianças e, em certa medida, absolvam os seus responsáveis”.

O Capítulo 7 é de autoria de e Laura M. M. Muller e Fernanda M. D’Oliveira intitula-se *O Discurso da patologização da infância*:

movimentos de leitura e produção de sentido. O objetivo central é compreender como os diagnósticos produzem sentidos no/sobre o sujeito; como os discursos são materializados nos diagnósticos médicos que desconsideram aspectos sociais e históricos da produção dos sentidos. É fundamental, segundo as autoras, considerar “o modo como os sujeitos se inscrevem na língua e no discurso, a partir de um lugar sócio-ideológico, que lhes permite dizer algo de uma determinada maneira e não de outra”. O recorte feito no capítulo refere-se às categorias clínicas conhecidas como “Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade”(TDAH) e “dislexia”. Os referenciais teóricos são, por um lado, a Análise de Discurso materialista e, por outro, os postulados sócio-histórico-culturais articulados pela Neurolinguística Discursiva (ND). Um aspecto chave para ambos os campos é a *interlocução*. As análises de episódios dialógicos de crianças que receberam diagnósticos de uma dessas patologias evidenciam que eles não se sustentam e que funcionam como um dispositivo de controle, encobrendo problemas sociais ao deslocarem para o corpo do sujeito questões que são principalmente de responsabilidade da escola.

O capítulo 8, de *Isabela Moutinho*, problematiza *O método fônico e a consciência fonológica: soluções ou dispositivos de patologização?* A autora analisa criticamente o decreto de 2019 que impõe a volta ao método fônico – que consiste em apresentar às crianças as letras e os sons da fala antes de iniciá-las em atividades com textos – na alfabetização. Isso se dá, como se sabe, em meio a outros discursos polêmicos do presidente e de seus ministros a respeito da educação – sobretudo pública – após sua eleição. “Os ataques envolvem a suposta predominância de temas como a ideologia de gênero na educação infantil, a dita doutrinação política e ideológica no Ensino Fundamental e Médio e uma existência de pesquisas consideradas com teor comunista no Ensino Superior”. Para Car-

los Nadalim – atual secretário Nacional de Alfabetização, indicado por Olavo de Carvalho –, o fracasso na alfabetização decorre da chamada “ideologia construtivista”, bem como da ênfase nas atividades de letramento, que teriam uma “preocupação exagerada com a construção de uma sociedade igualitária, democrática e pluralista, em formar leitores críticos, engajados e conscientes” (Palavras de Nadalim!). A autora desenvolve uma argumentação muito contundente acerca da inadequação do método fônico, que se assenta sobre uma concepção de língua escrita entendida como “sinais gráficos associados ao som da língua”. Ao analisar uma das cartilhas desenvolvidas para ensinar tal método, a autora conclui que “falta um saber técnico sobre linguística e há um total desconhecimento do que está envolvido no aprendizado da leitura e da escrita, por parte dos profissionais da área clínica e mesmo da educação”. Essas ideias são indefensáveis do ponto de vista das teorias linguísticas. Os dados analisados pela autora dão ainda mais corpo às suas reflexões.

Linguagem na Educação Infantil: a instância do eu e a constituição da subjetividade é o título do Capítulo 9, de Betina R. Barthelson. A autora visa refletir sobre “os efeitos da vivência das crianças nas instituições em que as relações pessoais acontecem sempre em um contexto de grupo, voltadas para o coletivo”. Ela se volta, sobretudo, para a Educação Infantil, a primeira etapa da trajetória da escolarização da criança, quando ela é ainda muito pequena, e que vem sendo desconsiderada no interior do movimento referido por “patologização da infância”. Fundamentando-se fortemente na teoria linguística elaborada por Benveniste, a autora discute conceitos de base, com ênfase na subjetividade e no diálogo. Por meio da análise de um episódio dialógico entre a professora e uma criança, a autora entrelaça os postulados de Benveniste com os demais pressupostos da Neurolinguística Discursiva. A argumentação visa desconstruir a relação que se estabelece entre as dificuldades da criança ao longo

do processo de aprendizagem, com sintomas de patologias, uma vez que os rótulos estigmatizam a criança para o resto da vida, mesmo quando superada a dificuldade.

O Capítulo 10, da autoria de Maria Luciana Tavares, Denyse T.C. Lamego e Andreia M.Tavares, fecha o volume e se intitula *Vigilância e triagem do desenvolvimento da linguagem em crianças com fatores de risco: considerações políticas, teóricas e práticas*. Para as autoras, trata-se de um tema relevante tanto para profissionais da área da saúde e educação, como no campo da formulação de políticas públicas; “uma estratégia fundamental que visa assegurar o monitoramento, a detecção e a intervenção precoces quanto aos problemas do desenvolvimento infantil, a fim de favorecer o seu alcance pleno”. No escopo dessa abordagem incorporam-se “aspectos como o ambiente familiar da criança, a inserção e a relação com a creche e a escola, as condições de trabalho dos pais, a rede de apoio social e a comunidade em que a família está inserida, as ideologias, crenças, valores e formas de governo influenciam direta ou indiretamente o processo de desenvolvimento”. Para fundamentar a discussão crítica, as autoras discutem políticas preconizadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), o texto da Constituição Brasileira de 1988 e a política pública do Sistema Único de Saúde (SUS).

Antes de encerrar este prefácio, gostaria de chamar a atenção para o fato de que 17 dentre os 18 autores que contribuíram para este volume são mulheres! Análises sociológicas feitas sobre a pandemia têm revelado que as mulheres têm arcado com a maior parte das tarefas domésticas e com o acompanhamento escolar dos filhos. Há, inclusive, pesquisas sendo desenvolvidas sobre as “mulheres cientistas”, que vêm apresentando muitos sinais de fadiga e depressão, aliados à sensação de baixo rendimento. A revista mensal *Pesquisa Fapesp* tematizou, em seu número de agosto de 2020, questões relativas às “dores emocionais” na pandemia. Enfatiza, na

capa, que “mudanças radicais na rotina, temor de adoecer e crise econômica provocam sofrimento psicológico e transtornos mentais”. Essas questões estão intimamente ligadas ao tema deste livro e receberão, certamente, a devida atenção, já que o escopo dos trabalhos inclui a clínica e a escola. O sofrimento humano está no cerne das questões que são aqui apresentadas.

Por mais que os tempos sejam difíceis, nossa opção tem sido – explorando uma metáfora bakhtiniana – a de *dar o passo*, de realizar o *ato ético e responsável*. Segundo Bakhtin (1997), cada um de nós é responsável e responde (*deve responder*) pelos seus atos, sem álibi.

Para o autor, a ética é um conjunto de obrigações e deveres concretos, sendo que o ato de pensar é o mais fundamental dos compromissos humanos.

Às organizadoras, muito obrigada!

A todos os autores, parabéns!

Aos leitores, juntem-se a nós, no ato de pensar!

Sumário

21 INTRODUÇÃO

As organizadoras

27 O CCAZINHO COMO LUGAR DE
LINGUAGEM: FALA, LEITURA E ESCRITA

Maria Irma Hadler Coudry

61 AUTISMO E LINGUAGEM: UMA
ABORDAGEM DIALÓGICA

Marcus Vinicius Borges Oliveira

Lucia Masini

Laine dos Santos Pimentel

81 TRANSPONDO AS BARREIRAS DO
DIAGNÓSTICO: O PAPEL DA LINGUAGEM
NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Michelli A. Silva

113 SÍNDROME DE WILLIAMS E A INTERSEÇÃO
ENTRE COGNIÇÃO LINGUÍSTICA E
VISUOESPACIAL

Marije Soto
Marina R. A. Augusto
Renata Oliveira

151 O UNIVERSO CONTADO PELAS CRIANÇAS
E A FORMAÇÃO DE CONCEITOS EM
VYGOTSKY: APONTAMENTOS SOBRE AS
FASES DE DESENVOLVIMENTO A PARTIR
DA OBRA DE NARANJO

Thalita Cristina Souza Cruz
Diana Michaela do Amaral Boccato

191 O ENSINO INFANTIL NA HISTÓRIA DA
CRIANÇA E SUA REPERCUSSÃO NA
ESCOLARIDADE

Sonia Sellin Bordin

215 O DISCURSO DA PATOLOGIZAÇÃO DA
INFÂNCIA: MOVIMENTOS DE LEITURA E
PRODUÇÃO DE SENTIDO

Laura Maria Mingotti Müller
Fernanda Moraes D'Olivo

253 O MÉTODO FÔNICO E A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA: SOLUÇÕES OU DISPOSITIVOS DE PATOLOGIZAÇÃO?

Isabela Moutinho

291 LINGUAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A INSTÂNCIA DO *EU* E A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Betina Rezze Barthelson

313 VIGILÂNCIA E TRIAGEM DO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM EM CRIANÇAS COM FATORES DE RISCO: CONSIDERAÇÕES POLÍTICAS, TEÓRICAS E PRÁTICAS

Maria Luciana de Siqueira Mayrink
Denyse Telles da Cunha Lamego
Andreia Mendes Tavares

351 SOBRE OS AUTORES

ORGANIZAÇÃO

Thalita Cristina Souza Cruz

Fernanda Moraes D'Oliveira

REVISÃO

Diana Michaela Amaral Boccato

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Estúdio Guayabo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Linguagem, cognição e ensino [livro eletrônico] : conceitos e possibilidades /
Thalita Cristina Souza Cruz, Fernanda Moraes D'Oliveira (orgs.). – Campinas,
SP : Editora da Abralin, 2021. – (Altos estudos em linguística)
PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-68990-13-1

1. Alfabetização 2. Análise do discurso 3. Aquisição de linguagem
4. Cognição 5. Distúrbios de linguagem 6. Linguagem - Estudo e ensino
7. Linguística 8. Prática de ensino I. Cruz, Thalita Cristina Souza.
II. D'Oliveira, Fernanda Moraes. III. Série.

21-81236

CDD-410

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguística 410

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

DOI 10.25189/9788568990131